

1.º Anno

Março de 1886

N.º 7

# O LIVRE EXAME

REVISTA MENSAL

ORGÃO DO CENTRO DE LISBOA

DA

*Associação propagadora do livre pensamento*

## SUMMARIO

- AS SEITAS RACIONALISTAS NA RUSSIA, por *N. Tsakny*.  
SANTA THERESA DE JESUS, por *José de Sousa*.—DEUS ASTUTO, por *A. Silva*.  
A CRENÇA RELIGIOSA E A REVOLUÇÃO MODERNA, por *Eduardo d'Almeida*.  
A NOÇÃO DA DIANDADE, por *Corregedor da Fonseca*.  
A MISSÃO DO LIVRE PENSAMENTO, por *Ross*.—REGISTOS CIVIS.—EXPEDIENTE.

LISBOA

TYPOGRAPHIA LUSO-BRAZILEIRA

5, Pateo do Aljube, 5

1886



# AS SEITAS RACIONALISTAS NA RUSSIA

---

## I

Nos ultimos vinte e cinco ou trinta annos, a religião official da Russia encontra-se na critica posição de que o catholicismo occidental soffre ha longo tempo. Entretanto que a Russia atravessa uma crise séria, politica e economica, e que se observa um movimento nas classes dirigentes para a liberdade—nas massas pouco instruidas do povo, revela-se um espirito de critica religiosa e um trabalho obstinado nas ideias religiosas.

A religião orthodoxa, sustentada pelo governo e pelo clero, reduzida a uma simples rotina e ao cumprimento de formalidades, não satisfaz ás necessidades do povo, que procura na religião a solução dos problemas da vida individual e social, e que aspira a um ideal moral que não esteja em desaccordo com a realidade. Executa-se um activo trabalho nos espiritos, trabalho que se não limita a atacar um dogma qualquer da religião, mas que tende a crear systemas originaes de vida social e de *ideal* moral.

Apesar de toda a severidade com que a lei pune na Russia os que se affastam da religião do Estado—punição que priva o homem de seus direitos de cidadão e o expõe a uma serie de perseguições,—a Russia não conta menos de dez milhões de schismaticos, pertencendo a uma grande variedade de seitas que teem todas de commum o estarem separadas da igreja official e não lhe reconhecerem a prioridade. Note-mos que este movimento só tem logar entre os operarios camponezes. As classes instruidas da Russia distinguem-se ha tempo pela sua completa indifferença em materia de religião e por uma tendencia para o materialismo; as crenças religiosas são substituidas por systemas philosophicos e naturalistas, baseados sobre os dados da sciencia europea, emquanto que o aldeão que vive sob o jugo da eterna miseria, de vexações de toda a natureza, d'impostos exorbitantes, privado dos beneficios da civilisação

e da sciencia, busca a salvação e a verdade moral n'uma religião, que não esteja em desaccordo com a vida, e que salvando completamente a alma lhe possa dar a paz, a felicidade e uma vida tranquilla sobre a terra.

Pouco a pouco o aldeão começa a experimentar a necessidade de reflectir sobre sua vida, sobre suas relações com Deus e com os homens, seus direitos e seus deveres. «Porque é que o padre, esse representante da religião do amor e da fraternidade se porta com os homens como um lobo rapace?» Pergunta o camponez. «Porque é que os homens vivem em hostilidade uns com os outros, e perseguem o mais fraco? Porque é que o homem pobre trabalha toda a sua vida? E' para pagar os impostos, ter sempre fome, ser mal tratado pela policia, e acabar por buscar o esquecimento no vinho? Onde está a verdade? Onde está a salvação?»

Taes perguntas surgem ao cerebro do ingenuo camponio e o atormentam dia e noite. Roido pela duvida dirige-se ao padre, mas o pobre ignorante não tendo nem tempo, nem vontade de conversar com elle, despe-de-o sem lhe dar resposta.

«Teu dever é trabalhar, ir á egreja e não raciocinar,» lhe diz o *pope*. Desnecessario é dizer que similhante linguagem não satisfaz o aldeão. Abandonado a si proprio, esforça-se por resolver as questões que o mortificam, por sua razão ou com o auxilio d'individuos que suppõe competentes. Em vista da grande inconstancia das condições sociaes, da continua falta de trabalho, encontram-se na Russia uma multidão de pessoas que atravessam o paiz d'um extremo ao outro em busca de meios de existencia, habituando-se á vagabundagem e terminando por formar uma classe d'individuos que fogem aos impostos, ao trabalho penoso, á policia, n'uma palavra, a todos os dissabores da vida. Uns retiram-se para as florestas e constituem bandos de ladrões, outros internam-se nos logares desertos, constroem lá cabanas isoladas e solitarias e procuram expiar seus peccados na oração. Outros passam a vida a frequentar logares santos; uns outros emfim tornam-se apóstolos do verdadeiro christianismo, patenteiam os peccados da sociedade, criam novos dogmas de fé e de moralidade. A sua severa critica da vida actual e da egreja encontra um echo na massa do povo descontente da sua vida e ávido da verdade. O numero de seus adeptos cresce pouco a pouco. O povo ouve attentamente os discursos entusiastas d'estes apóstolos e pede-lhes a solução dos males que o vexam. As suas praticas e sermões acabam por crear novos codigos de concepções moraes e sociaes que, sendo santificadas pelo sentimento religioso inherente ao povo, criam novas seitas.

Quasi todos os dias os correspondentes de jornaes, os padres aldeões, os agentes de policia, descobrem uma nova seita que appareceu em tal ou tal localidade e que conseguiu alliciar uma massa d'adeptos. Ha alguns annos, o tribunal de Charkov pronunciou sentença condemnatoria contra um velho de sessenta annos, Souchanoff. Eis qual foi o motivo: Souchanoff servira n'outro tempo na marinha, depois tendo abandonado o

serviço, entregou-se á religião e passou varios annos em differentes conventos. Em 1874 tomou d'arrendamento a um proprietario algumas geiras de terra, e, unindo-se aos camponios persuadiu-os a não frequentar as egrejas e a não cumprir os ritos prescriptos pela religião, mas em vez d'isso reunirem-se n'uma casa qualquer e tratarem em commum das questões religiosas. Homens e mulheres vestidos de branco, sentados em bancos, acendiam vellas, recitavam orações, e confessavam-se mutuamente de seus peccados. Souchanoff exigia dos membros que compunham esta sociedade, o seguinte juramento: não beber aguardente, não fumar, não abusar das relações sexuaes, sacrificar-se a si mesmo e toda a sua fortuna pelo bem do proximo.

Era o começo d'uma seita que invadia rapidamente um grande numero de povoações. Um factio analogo passou-se n'outra localidade. Uma joven chamada Ksénia Kousmine chegava a uma aldeia e começava a prégar uma nova religião. Ella renegava o casamento, a Igreja e a alimentação da carne. Tinha escolhido doze homens, e chamava-lhes seus apóstolos. Percorria o paiz com elles, cantando hymnos religiosos e exhortando o povo a seguir uma vida nova baseada sobre os principios do communismo. Prégava a comunidade dos bens, do casamento e a egualdade social.

Em 1860 no departamento de Perm entre os mineiros, um chamado Pouschkine principiava a prégar a revolta contra as formalidades da religião e da Igreja orthodoxa, a fraternidade geral, a comunidade dos bens, a apropriação da terra aos que querem trabalhar, etc. Posto que o governo russo encerrasse Pouschkine no convento Solovetz, onde ficou durante vinte annos, não obstante seu ensino brotou profundas raizes; estendeu-se a um districto inteiro, e não ha muito tempo que alguns dos seus sectarios foram julgados pelo tribunal de Perm por ter impedido o padre d'oficiar, por se terem recusado a pagar os impostos, terem prégado o reino dos ceus na terra, e negado toda a especie de governo.

Pouco mais ou menos na mesma época o governador do Caucaso noticiava ao ministro do interior, o estabelecimento no seu littoral d'uma nova e perigosa seita que renegava os ritos e a hierarchia ecclesiastica, prégar o communismo, a liberdade absoluta e a desobediencia ao governo, qualquer que elle fosse. O governo fez um inquerito, enviou os principaes chefes da seita para a prisão e para o exilio; mas a seita não fez se não crescer. Na mesma localidade appareceu um soldado reformado, Sokoloff que se poz a prégar que o reino do ceu tinha já começado, que os homens deviam viver como irmãos,, distribuir seus bens pelos pobres, fugir das autoridades da terra como do diabo, etc.

Ao norte como ao sul, ao oriente como ao occidente da Russia, as seitas rebentam como a herva, tomam fórmulas variadas, desde o mysticismo extremo, ascetico, até ao racionalismo realista. Assim, descobriu-se ultimamente na Siberia uma nova seita, cuja philosophia social representa a fórmula extrema da doutrina anarchista. Os schismaticos negam

sem excepção toda a propriedade, não reconhecem fórma alguma d'organisação social, nem casamento, nem familia, nem nenhum dever pessoal ou social, vivem n'um mundo fantastico de liberdade illimitada e de desprezo por tudo que os cerca. Cada um para si. Não ha nenhum direito, nenhum dever, nenhuma hierarchia social ou politica. O homem abandonado aos instinctos naturaes sem nenhum obstaculo da parte do governo será fatalmente impellido para a verdade e equidade.

Os membros d'esta seita pouco conhecida levam uma vida de vadios, passam a maior parte da sua existencia nas prisões; o governo suppondo suas doutrinas perigosas para a ordem publica, submete-os ás punições mais severas e por vezes as mais crueis. Até ao presente não foi possivel estudal-os senão nas prisões. Um dos representantes typicos d'esta seita é um certo negociante chamado Chischkine. Em indagações elle converteu-se a quatro seitas, estando no fim convencido que todas as religiões não eram senão o erro e a mentira. Tendo estudado cuidadosamente a Escripura santa achou que ella se contradizia, e que não estava d'accordo com o principio moral, que dimana do senso commum e do sentimento do homem.

Elle repelliu da mesma sorte a religião e Deus, todas as instituições dos homens, as auctoridades, o governo e a sociedade. As suas ideias foram conhecidas e elle agarrado e preso, toda a sua fortuna, que era consideravel, foi apprehendida e confiscada. Elle não quiz justificar-se nem empregar meios legaes de defeza, prégando intrepidamente até mesmo na prisão as suas opiniões. Aqui barbearam-n'ò segundo o regulamento e quiseram-n'ò obrigar a trabalhar; mas elle recusou-se abertamente: «Vós tomaste-me á força, eu não vos pedi para me encerrar, por consequencia deveis-me sustentar e trabalhar por mim. Daixae-me partir, então trabalharei e certamente vos não virei pedir auxilio nem soccorro.» Açoutavam-n'ò, quebravam-lhe bengalas nas costas, fechavam-n'ò em cellulas, não lhe dando senão pão e agua, prendiam-n'ò a um carro, elle não fazia nada, ficava immovel. Sendo partidario de tudo que é natural, nem elle nem nenhum dos seus sectarios se barbeam nem cortam os cabellos. Não bebem aguardente, não fumam, porque isso opera sobre o estado natural do espirito e das faculdades intellectuaes. Comem toda a qualidade d'alimentos e não conhecem o jejum; demonstram um profundo desprezo pelas palavras: lei, auctoridade, direito, etc; não se dirigem de modo algum ao mundo para a protecção da lei, nem aos homens que sustentam essa lei, e preferem supportar os tormentos e as privações mais terriveis. Estes sectarios prégam o amor livre, não reconhecem o casamento; consideram a mulher como um ser independente e igual ao homem, livre em escolher um amigo do coração e uma occupação do seu gosto. Substituem a palavra «mulher» pela de «amiga». Tendo renunciado á propriedade, dão tudo o que possuem á primeira pessoa que lh'o pede. Não admittem nem passaportes, nem logares d'habitação nem mesmo nome de pessoa: a todas as pergun-

tas dos juizes d'instrucções e da policia, respondem: nem eu tenho necessidade de vós, nem tendes necessidade de mim; deixae-me tranquillo, eu não vos pergunto nada, etc.

Em geral, vista a politica orthodoxa e ecclesiastica do governo russo, que tende a sustentar a todo o preço a religião do estado, e que persegue todo o que se afasta d'ella, o schisma como tudo o que é perseguido continua a desenvolver-se occultamente. O estudo é tanto mais difficil, quanto na Russia falta a liberdade d'imprensa e a liberdade de palavra. Entretanto, pelos documentos que existem actualmente, pode-se fazer uma ideia da extensão d'este phenomeno e do papel importante que é chamado a representar na sorte futura do povo russo.

Sem pretender enfraquecer este movimento social e religioso, tenho a intenção de descrever ao leitor algumas seitas mais desenvolvidas, mais typicas, nas quaes se manifesta a fermentação do espirito do povo russo.

*(Continúa.)*

N. TSAKNY.

## SANTA THEREZA DE JESUS

---

(CONTINUADO DO N.º 5)

Nasceu esta infeliz mulher em Avila (Hespanha) em 1515, filha de Alonso de Cepeda e de D. Beatriz de Ahumada, que era bastante nova ainda quando Thereza nasceu.

Apesar de pouco sabermos dos primeiros annos da santa, o character dos paes diz muito; a sua educação foi religiosa, em sua casa lia-se muito vidas de santos, e as missas e as communhões repetidas entravam nos habitos domesticos.

Quem desconhece a influencia dos habitos da nossa infancia; quem não sabe que a educação é um como virus que uma vez inoculado no organismo faz com que este sempre ou quasi sempre d'ella se resinta?

Logo nos primeiros annos da sua vida, Thereza, de imaginação ardente e dotada de grande espirito de imitação, se resentiu do asceticismo que a rodeava; ardia em desejos de seguir o exemplo dos bemaventurados, formava projectos, fazia votos, enternecia-se.

E a tanto chegou a incandescencia do seu cerebro, que uma manhã, quando ainda toda a sua familia dormia, fugiu de casa; queria ir para terra de mouros, ser martyr, e via-se já a entrar as portas do paraizo, e depois gozar as celestiaes venturas de que os livros lhe fallavam.

Um tio, que casualmente a encontrou e ao seu pequeno companheiro de viagem, reconduziu-os ao lar domestico, onde já se tinha dado por sua falta e onde tudo era confusão facil de perceber em vista de um tão extraordinario acontecimento.

Esta simples loucura de creança, igual á que levou D. Quixote a armar-se á antiga, e ir, feito cavalleiro andante, combater pela dama dos seus pensamentos, a D. Dulcinéa de Toboso, este factó, que n'ella tem ainda o attenuante da creanceice é laudatoriamente commentado pela Igreja; na bulla de canonisação, e no hymno do breviario romano dão-lhe fóros de importancia, signal evidente de que era uma predestinada.

Aos doze annos, quasi, perdeu Thereza sua mãe; nova fatalidade para ella, porque seu pae não a vigiava sufficientemente; opera-se n'esta epocha da vida da Santa uma transformação importante. Trocou os livros; até então lêra vidas de Santos, agora começava a lêr livros de cavallaria.

A sua prodigiosa imaginação identificava-a com tudo que devéras a impressionasse.

Repudiou os Santos, amou os cavalleiros; as suas façanhas seduziam-na agora; em vez do burel dos ascetas queria as armaduras de aço reluzente; em vez de orações, o galanteio amoroso, e os pagens e as côrtes de amor, todo o pittoresco da vida medieval a penetrava gradualmente; queria ser uma dama, ter o seu cavalleiro. Estava transformada — d'antes a humildade, agora o luxo; d'antes o mysticismo, agora o sensualismo.

E esta dualidade de sentimento, prendeu-a para sempre, fez d'ella uma desgraçada para o que não contribuiu pouco a fanatica ignorancia do seu tempo.

Estava uma mulher feita, a puberdade no seu vigor, e não tinha mãe para a salvaguardar do mundo.

Começaram de frequentar a sua casa uns primos, pouco mais velhos do que ella, e facilmente se comprehende que na disposição de espirito em que agora vivia, vendo-se nova e bonita, aureolada de uma certa vaidade, não seria difficil captivar-a, inspirar-lhe amor, fazer vibrar n'ella a corda tão retezada pela leitura.

Foi o que aconteceu, começaram as intimidades.

No capitulo II e no III do livro da sua vida, Thereza accentúa claramente a transformação que n'ella se operou, e allude aos primos, para quem não é muito amavel.

Entravam tambem em casa de Thereza pessoas um tanto libertinas, pois segundo ella mesma confessa gostava muito de conversar com ellas. Tudo isto é importante, ainda que á primeira vista pareça pueril.

O pae começou então a preoccupar-se com o perigo que corria a filha e determinou encerrar-a em um convento; Thereza alludindo aos escrúpulos paternos diz estas importantissimas palavras: *o trato era como quem, por via de casamento tudo podia acabar em bem.*

Bem triste recordação, na verdade. Tinha dezeseite annos quando entrou para o convento de Santa Maria de Gracia, da ordem de Santo Agostinho. Estava desenganada, via-se privada de tudo, os bellos sonhos que sonhára fugiam, a realidade triste occupava o seu lugar; o futuro que fizera côr de rosa era agora para ella sombrio e bem sombrio.

Estava ferida no que tinha de mais querido—os seus affectos

Devia soffrer bastante, devia ser infeliz.

Passado anno e meio seu pae viu-se obrigado a retiral-a do convento por causa da doença que tanto a martyrisou no futuro e que começava já as suas torturas.

Foi para casa de uns parentes seus que lhe davam a ler livros devo-

tos ; ella porém pouca paciencia tinha já para os lêr, via-se amada, queria casar com o joven que lhe inspirára a funesta paixão, que foi um dos males da sua triste vida; o pae oppoz-se tenazmente, e ella, vendo que nada tinha a esperar, despeitada com o mundo que nem fazia justiça aos seus justos sentimentos, mergulhou-se outra vez nos livros mysticos; e alli, sentindo tedio da vida que se lhe tornara pesada, ia-se deixando como que infiltrar da ideia de romper com tudo e com todos, e por uma d'essas resoluções subitas, desesperadas, fugiu de casa e encerrou-se no convento da Encarnação de Avila.

Trocou o seu amor profano pelo amor mystico, apaixonada sempre. Os preconceitos do mundo fizeram d'ella uma infeliz; e agora, que já sabemos os primeiros tempos da sua vida, vejamos o restante d'ella, campo vastissimo, onde se vê, de quanto é capaz um espirito obscecado pelo fanatismo, rodeado pela ignorancia, e tendo um como vulcão encoberto, o de paixão, a torturar o organismo.

*(Continúa).*

JOSÉ DE SOUZA.

## DEUS ASTUTO

---

Quando Deus, fonte de toda a sciencia, se dignava cavaquear com a humanidade em tempos que esta jazia mergulhada nas mais densas trevas de ignorancia, facto estupendo aquelle, completamente desconhecido em nossos dias, apesar de termos mais direito a presenciar essa maravilha, visto que relativamente aos nossos antepassados nos approximamos mais do Sapiientissimo, pelos conhecimentos scientificos adquiridos pelo trabalho, um capitão das hordas aguerridas em que o mesmo Deus occupava a alta posição de generalissimo, recebia d'este, confidencial e detalhadamente, o plano de assalto a uma praça forte do inimigo. Consistia este em dividir o bando sitiante em dois troços, postando-se o primeiro, em emboscada junto ás portas da cidade, e o segundo acampando em frente, em logar bem descoberto dos inimigos, apresentando fraqueza em numero e coragem, provocando a sahida d'estes a batalha campal. E logo depois de envolvidos na lucta, os bandidos, em esconderijo, deveriam entrar na cidade, passando a fio d'espada os habitantes indefensos, velhos, mulheres, e creanças, sem esquecer a destruição pelo incendio. Ao leitor que encontre extranha a narrativa que vimos de fazer, em ser aconselhado por Deus o que ha de mais desleal e cobarde, recommendamos a leitura do Livro sagrado de Josué nos capitulos VIII e IX, onde além d'isto verá tambem, que os povos circumvizinhos em presença de tal bandolismo, resolveram *usar tambem d'astucia* (sic) fazendo-se caminhantes vindos de longe e extranhos n'aquelles sitios, afim de, inspirando porventura compaixão, pouparem as vidas.

O nosso fim apresentando esta passagem biblica, é demostrar que é o proprio historiador inspirado, que diz ser Deus astuto. Ora no Genesis capitulo III, diz-se tambem, que a serpente era a mais estuta de todos os animaes que o Senhor Deus tinha creado, e que por este motivo, dando ouvidos aos seus ardis, peccaram os nossos primeiros paes, no dizer dos orthodoxos. São unanimes os doutores da Egreja em affirmar, que esta

serpente era o demonio ou Lucifer, anjo na gloria do Altissimo, e que levado por um sentimento de inveja conspirou contra Deus, sendo por esse motivo expulso do ceu.

Não podemos resistir á tentação de transcrever de um folheto raro, *A Voz da Rasão*, os seguintes versos attribuidos a um lente que foi da Universidade de Coimbra e que vem a proposito:

Se um Deus, que é auctor de tudo,  
Tudo perfeito creou,  
Quem trouxe o peccado ao mundo,  
Quem a creatura manchou?

Se foi Lucifer soberbo,  
Além d'um Deus o crear;  
Como podia a soberba,  
No seio da gloria entrar?

E como permittiu Deus  
Grassasse a culpa no ceu?  
Como engolphado na gloria  
O anjo attenção lhe deu?

Ha tão poucos attrativos  
Acaso no Summo Bem,  
Que os anjos na sua posse  
A nutrir a culpa vem?

Com que poder, com que força  
Um ser maligno podia  
Corromper a melhor obra,  
Que das mãos de Deus sahia?

Ou as forças, que empregava  
Nasciam do seu poder;  
E então deve independente  
De Deus esta causa ser.

Se dos anjos a pureza  
Póde o vicio bafejar,  
Ha-de o barro, que é mais fraco  
A seu halito escapar?

Castigando o genero humano por ter sido victima em sua innocencia da astucia do demonio, transformado em serpente, Deus, o santo e incorruptivel, aconselha o ardil e astucia de Lucifer.

Eis a santidade e coherencia do vosso Deus, christãos!

A. SILVA.

## A CRENÇA RELIGIOSA E A REVOLUÇÃO MODERNA

---

A crença n'um Deus vingativo e interesseiro que vende o paraíso por grossos dinheiros e lança no caldeirão do inferno os que não têm que offerecer-lhe para lhe moderar as fúrias, tem levado os povos ao quebrantamento da energia intellectual, á perversão moral e ás maiores carnificinas. Ella tem sido sempre o maior entrave posto ao trabalho incessante da humanidade que caminha, apesar de todos os deuses, na via directa do seu aperfeiçoamento pela sciencia.

Hoje que a emancipação politica é quasi um facto, e que se caminha a passos gigantes para a emancipação economica; hoje que os problemas que interessam a vida physica se approximam de uma resolução immediata e fatal, é ainda a crença no divino, por emquanto infelizmente enraizada nas ultimas camadas sociaes, o principal elemento de que se servem as classes exploradoras para trazerem arreatada toda essa grande massa que se denomina proletariado, que tudo produz e apenas consome a millesima parte.

E' por esta fórma que se explica a ligação hibrida entre o estado e a igreja, facto que se dá em todas as nações, ainda aquellas onde as classes que empunham o timão da chamada nau do estado bebem do fino em materia de sciencia moderna.

E' que os individuos pertencentes á classe dos possuidores da riqueza publica comprehendem, melhor que alguns *soi disant* defensores das regalias e direitos populares, que o proletariado se não poderá emancipar politica e economicamente em quanto não conseguir limpar o cerebro de todas as teias de aranha com que a igreja lhe tem deturpado o intellecto durante tantos seculos.

Como poderá o ente que crê na supremacia de um poder absoluto, que se não vê, que se não ouve, que se não apalpa, que se não cheira, que se não gosta, isto é, que está fóra de toda a natureza, de toda a acção perceptora dos nossos sentidos, como poderá, repetimos, esse ente ter uma

compreensão exacta e nitida da sua força, dos seus deveres, dos seus direitos, da sua missão na sociedade?

Como poderá a enorme collectividade, composta de individuos n'estas condições, mover-se ordenada, methodica, coherentemente para um fim definido e consciente, se jaz acorrentada a um principio de absolutismo falso que lhe dá uma compreensão errada dos destinos humanos?

Todo o movimento extraordinario que ella execute é filho ou da impulsão dada pelos que a exploram para conseguirem os seus fins egoistas, ou então um protesto prematuro sem utilidade pratica, antes contraproducente em seus resultados, sendo mesmo n'este caso as necessidades propriamente physicas que destroem momentanea e naturalmente as cadeias que envolvem e apertam a vida intellectual.

De facto o individuo, para ser util a si e á sociedade, tem de romper completamente com toda e qualqner theoria que o desconvença de que tudo quanto é o deve a si e ao meio em que vive.

Em todo o grande trabalho da evolução da humanidade se procura em vão qualquer elemento de intervenção estranha á materia e suas propriedades; e todo aquelle que pensa o contrario contribue involuntariamente para o engrandecimento das forças que impedem o desenvolvimento material da sociedade. Mas se os crentes devem ser lastimados, aquelles que o não são e defendem hypocritamente a igreja e as suas regalias, os que se não lançam denodada e francamente nas fileiras dos propagandistas do crêdo moderno com medo de que os padres lhes ataquem o ventre, esses devem ser apontados ás gerações futuras como constituindo uma raça de parasitas acarraçados á humanidade, unica e simplesmente para satisfazerem as necessidades do aparelho digestivo que predomina sobre todos os outros órgãos e principalmente sobre o encephalo d'estes bimanos degenerados.

As convicções erradas, mas sinceras, lastimam-se, desarreigam-se por meio do embate sereno dos principios demonstrados, reduzem-se á expressão mais simples pela apresentação e difusão dos argumentos irresistiveis das leis naturaes.

A falsa sciencia creada por um egoismo desbragado, a hypocrisia que finge defender a liberdade de consciencia prégando o estacionamento do espirito humano com mais ou menos habilidade, o ecclectismo convencional ou de barriga, tudo isto constitue uma tal carencia de sentimento moral, que os defensores d'estas canalhices intellectuaes devem ser apontados á humanidade como um ascoroso producto indigno da nossa época.

EDUARDO D'ALMEIDA.

## A NOÇÃO DA DIVINDADE

---

Os theologos e os spiritualistas, esforçando-se por que continue de pé a erronea noção da existencia de Deus, inventam os mais falsos principios, pretendendo todavia dar-lhes fôros scientificos. Para explicar um começo ás cousas, dizem Deus causa primaria, creador do Existente. Affastam-se assim do raciocinio, como quem desconhece a indestructibilidade e portanto a increabilidade da materia, e dão azas á imaginação phantasiosa, que vôa de erro em erro, terminando com absurdas affirmações.

Qualquer phenomeno que não sabem explicar, qualquer effeito cuja causa desconhecem, consideram-no como peculiar á omnisciencia divina, e não mais pensam em encontrar-lhe a explicação dentro da natureza. Porque Deus fez o universo, sublime architecto, e vive n'elle, governando-o por leis immutaveis que houve por bem distribuir-lhe.

Ora, para admittir que Deus fizesse o universo, negando-se á materia no estado de diffusão primitivo, a inergia, a attração e repulsão, seria preciso admittir tambem que elle a houvesse creado, porque nós não podemos concebê-la sem aquelles attributos. E para admittir isto, Deus necessariamente, antes da criação, existia na immobilidade e na inercia, o que se não coaduna de modo algum com a ideia de força creadora, que se lhe attribue. Uma força só pode existir enquanto está em actividade: inactivo, Deus era inutil e não podia possuir o attributo da criação.

Por outro lado admittindo-se que uma cousa possa ser creada, ha de tambem admittir-se que ella possa ser destruida. A materia não possui esta propriedade; tudo se transforma, nada se perde ou se destroe. No espaço, que é infinito, não ha vazio nenhum nem é possivel que o tenha havido; cae, portanto, pela base a theoria de que é possivel crear uma cousa ou destruir outra.

As moleculas desaggregam-se e renovam-se; sahem da composição d'um para entrar na de outro corpo. Mas os seus atomos, de combinação em combinação, jamais se perdem. Pelo seu modo de aggregação constituem as innumeraveis e variadas fórmulas de corpos, que incessantemente

se renovam pelo transformismo, ou essa relação mutua da attracção e repulsão. O seu numero, porém, fica sendo eternamente o mesmo.

A theoria de que Deus deu ao universo as leis que immutavelmente o regem, cae necessariamente no ridiculo depois do que fica exposto. Não podia crear a materia, porque era immovel e inerte. Existindo ella, não podia dar-lhe força e movimento, porque não possuia estas propriedades. E' evidente que sendo ellas concernentes á materia e não podendo conceber-se esta em repouso, não pode suppor-se que lhe fossem dados por uma causa extranha. A materia e a força, isto é, as suas propriedades, são estreitamente ligadas, increaveis, indestructiveis e eternas. A força transforma-se como a materia se transforma. Um movimento, ou manifestação de força, produz sempre uma serie interminavel de movimentos successivos, n'um encadeamento seguido de causas e effeitos, que se vão destendendo eternamente. Chamar, portanto, uma intervenção divina, sobre-natural a intervir com o seu poder na natureza, é absurdo tão completo que só a ignorancia ou a má fé dos especuladores, pode sustental-o.

Elles recorrem ainda a muito outros argumentos, qual d'elles menos scientificamente fundamentado, para comprovar a asserção da existencia da divindade. Dizem alguns que esse Deus faz tudo, por artes que não sabem explicar, existia antes de todas as cousas, que se lembrou de crear n'um dia de capricho. Depois, descansou, qual operario fatigado, eontemplando a sua obra, na qual vive, entretendo-se em regular as leis que lhe deu para reger-se.

A heresia scientifica, porém, desfaz todos estes sonhos, ou o quer que seja, demonstrando friamente, dia a dia, com milhares de experiencias gloriosas, que nada se conhece na natureza extranho ao seu modo eterno de ser. Os maravilhosos phenomenos da luz, da electricidade e especialmente os do magnetismo, que elles teem querido explorar como attributos d'uma divindade, d'uma força extranha á materia, estão plenamente demonstrados como combinações da materia, trasformações de forças, bem combinadas, na serie de causas e effeitos de que fallamos. O dualismo da coexistencia do espirito e da materia é pois, uma abstracção sem fundamentos, que cae á falta de arrimo serio, perante a experiencia e a observação das cousas.

Ha tambem quem diga que Deus é superior a todos os conhecimentos humanos, e que com quanto distinguisse o homem na escala animal, pela faculdade da alma, nem por isso lhe concedeu o supremo bem de desvendar todos os arcanos das cousas. Que a sua ideia é innata em nós, prova irrefutavel da sua existencia.

Estes são, decerto, os mais extravagantes e os mais destructiveis de todos os argumentos; comtudo elles callam ainda na mente d'uma grande parte do vulgo e nós não queremos deixar de fazer-lhe uma rapida analyse.

(Continúa.)

CORREGEDOR DA FONSECA.

## A MISSÃO DO LIVRE PENSAMENTO

---

Está geralmente arreigada a crença de que deve prescindir-se da questão religiosa ao tratar-se dos problemas politicos e sociaes.

Nada tão falto de base, a nosso ver, como a affirmação que deixamos apontada. Ha, entre outras, uma razão bastante contundente.

Propaga-se geralmente a ideia democratica, e por opposição á tyrannia dominante, é ella acolhida com verdadeiro enthusiasmo pelo povo opprimido.

Porém, em vez de combater pela base as superstições, cortar o mal pela raiz, e preparar o terreno para que possam ser uma verdade na pratica as theorias democraticas, prescinde-se completamente de tudo isto, e attende-se sómente á propaganda da *ideia nova*, sem se attender ao calor proprio dos neophitos, para evitar que no futuro possam mallograr-se tantos sacrificios.

Assim vemos em revolta confusão ideias que, philosophicamente consideradas, se repellem em absoluto, formando o mais heterogeneo conjuncto na sua applicação á vida social.

Taes são a ideia religiosa e a ideia democratica. Emquanto uma recommenda submissão aos ministros do culto, a deus e aos mais estupendos milagres, que somente conduzem ao augmento da piedade nos fieis, para assim sustentar a instituição religiosa, a outra, a ideia democratica, prepara o caminho para as reivindicações politicas, espalhando á porfia as primeiras noções da independencia social e do desejo de que por ninguem sejam esmagados os direitos inherentes a todo o homem.

Emquanto a instituição religiosa educa o povo na submissão eservidão, a democracia prepara-o para ser homem livre e instruido, collocando-o assim em estado de aptidão para exercer os seus direitos.

Emfim, estas ideias tão oppostas, que se repellem e teem historia tão differente, pois que na historia religiosa abundam as paginas de sangue, de lodo e de trevas, estão arreigadissimas no cerebro d'uma infinidade de individuos, que se dizem democratas e até federaes, mas que contribuem para sustentar por mais tempo a instituição mais vil e condemnavel que existe na nossa civilização.

Que o digam por nós aquelles dos republicanos que concorrem ás manifestações religiosas; que o digam esses que contribuem em todos os

actos da sua vida social para robustecer o poderio de tão secular instituição, vergonha de nosso tempo; que o digam os paes que por uma mal entendida tolerancia, consentem que seus filhos sejam *educados* pela gente de sotaina; que o digam as nossas mães, as nossas esposas, as nossas filhas, todos, enfim; todos á porfia nos estão demonstrando pela sua conducta, que é preciso exterminar essa maldita hydra, que ameaça corromper com o seu venenoso virus quanto a nossa sociedade tem de mais nobre e justo: a aspiração infinita do Progresso e da Justica.

Entendemos por este motivo que é preciso que se espalhe a nossa propaganda de modo que illumine as offuscadas intelligencias dos que, já directa, já indirectamente contribuem para que não seja possivel o estabelecimento da liberdade no nosso paiz, pois que havendo quem conspire abertamente contra o nosso bem estar, vivendo á nossa custa, é inteiramente impossivel que possamos disfructar os beneficios da civilização moderna.

Portanto, combatemos o contrasenso de que emquanto se repelle a tyrannia politica, se deixe de pé a superstição religiosa, que é a base d'aquella, e a causante das guerras civis que tanto lamentamos.

Dá-se assim o caso de que emquanto cheios de expontaneo enthusiasmo os democratas trabalham pelo implantamento dos seus ideiaes, esquecem-se de desterrar do cerebro dos seus compatriotas, o prestigio que ainda teem as ideias propagadas por esses vendedores de indulgencias, que dispõem da vontade de milhões de homens, e particularmente de mulheres, a seu capricho.

Em conclusão, não cremos como inutil nem perniciosa a propaganda democrática; antes pelo contrario, cremol-a indispensavel e apreciamos os seus resultados; mas entendemos que é deficiente, que não cumpre por completo a missão que de justiça lhe está confiada; porque é preciso:— *ir democratizando o ceu á medida que se democratizam as instituições sociaes.*

Por este motivo cremos que alguma cousa falta á propaganda democrática, e por isso dissemos que ella não cumpre com a missão que o progresso lhe confiou.

A encher este vacuo, a supprir esta deficiencia, veio o livre-pensamento, demolindo as caducas instituições religiosas com o seu acerado alvião, para que a democracia moderna e a sociologia possam em breve edificar instituições conformes com os avançamentos do nosso tempo.

Agora só nos cabe investigar para demolir com acerto, na certeza de que o livre-pensamento jámais impedirá, antes ajudará na medida das suas forças, quantos trabalhos sejam dirigidos a estabelecer o imperio da Justiça.

Esta é, a nosso vêr, a missão do livre-pensamento.

## REGISTOS CIVIS

---

O registo civil abrange :

1.º O registo dos nascimentos ; 2.º o registo dos casamentos ; 3.º o registo dos obitos ; 4.º o registo do reconhecimento e legitimação dos filhos. (C. Civil—art. 2:445.º)

Diz mais o art. 2.º do respectivo regulamento: «O official do registo civil é, em cada concelho ou bairro, o respectivo administrador.»

### MARÇO

LISBOA: 2.º bairro—No dia 2 cazaram civilmente a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria Guilhermina da Conceição Rodrigues com o sr. Albino de Barros. Foram testemunhas os srs. João Gonçalves e Carlos Costa.

1.º bairro—N'esta administração realisou-se em 14 de abril o casamento do nosso collegionario e amigo, João Lourenço Ramos com a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria do Carmo Neves. Foram testemunhas d'este acto os srs. Paulo Porfirio de Lima e José Joaquim dos Santos.

Felicitamos o nosso amigo.

OLIVAES—O nosso amigo Luiz de Judicibus registou no dia 18 o nascimento de um seu filhinho a quem deu o nome de Victor. Foram testemunhas os nossos confrades dr. Magalhães Lima e Silva Graça, redactores do jornal *O Seculo*.

PORTO—O nosso estimado collega Alberto Bessa, registou no dia 5, na administração do bairro oriental, o nascimento d'um filhinho, que recebeu o nome de Romeu. Foram testemunhas d'este acto o nosso correlligionario dr. Alves da Veiga e o sr. Luiz Firmino d'Oliveira, commerciante.

No dia 11 effectuou na mesma administração um outro registo, porém este bastante doloroso. Foi o do fallecimento de sua esposa, D. Ra-

chel Pereira de Bessa Carvalho, que estava apenas na manhã da vida, pois não contava mais de 17 primaveras. Ficou sepultada no cemiterio do Repouso (logar destinado aos não catholicos), campa n.º 3. Acompanhamos na sua justificada dôr o nosso correligionario e amigo Bessa.

BEJA.—O sr. D. Thomaz Alvares Martins, apresentou na administração d'este concelho um filho para ser registado civilmente, mas o official do registo negou-se a executar a lei, que já antes fôra menos presada por uma tão tola quanto criminosa circular do fanatico sr. Pedro Victor, ex-governador civil do districto.

O sr. D. Thomaz recorreu para o poder judicial.

#### ABRIL

LISBOA: 3.º bairro—Receberam-se na administração d'este bairro no dia 10, o sr. Antonio Nunes Ferreira com a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> Rosa Ferreira, registando na mesma occasião um seu filhinho que recebeu o nome de Latino. Foram testemunhas d'estes dois actos os srs. Manoel Nunes Ferreira, João Rodrigues da Bella e Manuel Martins.

4.º bairro—O nosso illustre correligionario Joaquim Manoel Pereira, registou no dia 10 o nascimento de um filhinho que recebeu o nome de Marat. Foram testemunhas os srs. A. M. Lopes Castello Branco e José Mathias Pissarra Junior.

Falleceu no dia 8 uma filha do nosso estimado correligionario e amigo José Pedro de Sousa. Foi enterrada civilmente, sendo deposta sobre o caixão uma corôa offerecida por alguns operarios da classe dos chapelheiros, a que o nosso amigo pertence.

A elle e a toda a sua familia enviamos os nossos pezames.

MONTE-MÓR-O-NOVO.—Na administração d'este concelho, realisou-se em 13 de corrente o registo do nascimento d'uma creança do sexo masculino, filha do cidadão Pedro Dias Lisboa, do Villa de Lavre. O neophito recebeu o nome de Jorge de Danton. Foram testemunhas d'este acto os cidadãos: Joaquim Pedro de Mattos e Candido Elias Veiga.

Foi o primeiro registo civil effectuado na administração d'este concelho.

---

Ao nosso collega *La Luz*, de Barcelona, agradecemos as palavras de boa camaradagem que nos dirige, e a transcripção do artigo de Miguel Bakounine, que publicámos em o numero 4 da nossa revista.

Com a devida venia, tambem transcrevemos do seu numero relativo a

8 de abril, o excellente artigo — *A missão do livre pensamento*—com cuja doutrina plenamente concordamos, tanto mais que se amolda perfeitamente á sociedade portugueza.

---

Agradecemos aos nossos collegas *Folha do Povo e Voz do Operario*, a transcripção do artigo do sr. Silva Lisboa — *A tolerancia*. Também nos confessamos reconhecidos com os collegas que nos teem honrado em noticiar a nossa revista e em nos dirigir boas palavras.

---

## EXPEDIENTE

---

Estranharam alguns dos nossos assignantes que lhes enviássemos recibos d'um anno da nossa publicação, quando ella vae apenas no numero 6. Pedimos-lhes que considerem que geralmente o pagamento de publicações d'esta ordem, que vivem dos proprios recursos, effectua-se adiantadamente, e nós já lhes destribuimos seis numeros, o que tambem é segura garantia da estabilidade da nossa publicação. A'quelles que se acham em localidades onde não são recebidos titulos do correio, pedimos o favor de nos enviarem a importancia das suas assignaturas em estampilhas dentro de carta fechada e devidamente registada, para evitar extravios.

# O LIVRE EXAME

REDAÇÃO E HISTÓRIA  
LIVRO DE REGISTRO Nº 123 - LITANO



PROVA DE REGISTRO Nº 123 - LITANO

1900

1.º ano

Prova de Registo

# O LIVRE EXAME

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Lisboa—Rua da Magdalena, n.º 119—Lisboa



Condições de assignatura em todo o paiz

3 mezes .....	120 réis
6 » .....	240 »
1 anno .....	480 »

*Pagamento adiantado*